

MÃOS QUE TOCAM AS SUTILEZAS DO TEMPO
MEDIAÇÃO NA OBRA DE CASTIEL VITORINO BRASILEIRO

HANDS THAT TOUCH THE SUBTLETIES OF TIME
MEDIATION IN THE WORK OF CASTIEL VITORINO BRASILEIRO

Maria Luíza Galacha

Mestre em Artes – PPGA

Universidade Federal do Espírito Santo

E-mail: marialuizagalacha@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3682-3450>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0856985417625873>

Guilherme Brasil

Graduando em Artes Visuais

Universidade Federal do Espírito Santo

E-mail: guilhermelaytynherbrasil@gmail.com

ORCID: 0009-0004-6819-6641

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6527496520452698>

Resumo:

Este artigo discute o processo de mediação com crianças na obra *Sutilezas do Tempo*, de Castiel Vitorino Brasileiro, instalada no Parque Cultural Casa do Governador (ES). A obra, construída em parceria com a Comunidade Quilombola Morro das Araras, utiliza a técnica ancestral de taipa de mão, e emerge como uma escultura viva que propõe reflexões sobre tempo, ancestralidade e memória coletiva. Nas mediações com grupos de Educação Infantil, observa-se como as crianças se tornam parte ativa da experiência estética: tocam, exploram, questionam, narram e se conectam com os elementos sensíveis da obra. A frase de uma criança, “A janela é como uma televisão, para assistir à natureza!”, revela a potência criativa desse público. A mediação se dá por meio de perguntas abertas, que incentivam a criação de outras perguntas, muitas vezes sem respostas, que envolvem questões profundas sobre o tempo, a vida e a morte. A experiência infantil, sensível e imaginativa, atua como adubo para a obra, nutrindo também os próprios mediadores. Ao explorar marcas de mãos deixadas no barro, as crianças tentam encaixar as suas, como se buscassem, de forma sutil, conexão com as histórias ali impressas. A obra se transforma, então, em um espaço de afeto, escuta e troca, onde o educativo não é didático, mas sensorial e coletivo. *Sutilezas do Tempo* se afirma como um campo fértil de experiências formativas, onde memória e imaginação se entrelaçam no gesto de mediação.

Palavras-chave: *Sutilezas do Tempo*. Mediação Cultural. Parque Cultural. Educação Infantil.

Abstract:

This article discusses the mediation process with children in the artwork *Sutilezas do Tempo* by Castiel Vitorino Brasileiro, permanently installed at the Cultural Park Casa do Governador (ES, Brazil). Created in collaboration with the Quilombola

Community Morro das Araras and built using the ancestral wattle and daub technique, the work is a living sculpture that invites reflection on time, ancestry, and collective memory. During mediations with early childhood education groups, children actively engage with the piece—touching, exploring, asking questions, telling stories, and connecting sensorially with its materials. One child's remark, "The window is like a television to watch nature!", illustrates the imaginative and poetic nature of these interactions. Mediation takes place through open-ended questions, encouraging new inquiries—many of which surpass our own understanding of time, life, and death. Children's perceptions become a vital force, enriching both the artwork and the mediators' own experiences. When children match their hands with the clay handprints embedded in the walls, they seem to seek connection with the people and histories that shaped the piece. Their presence feeds the work like fertile soil, making each encounter unique. The educational approach here is not didactic but sensory, collective, and co-creative. *Sutilezas do Tempo* becomes a field of shared experience, memory, and imagination. It challenges traditional notions of sculpture by offering an organic and ever-evolving structure, where mediation is not a translation of meaning but an invitation to experience, imagine, and inhabit the artwork in profoundly human ways.

Keywords: Subtleties of Time. Cultural Mediation. Cultural Park. Early Childhood Education.

Castiel: uma estudiosa do tempo

Esse artigo busca uma imersão na obra *Sutilezas do Tempo*, da artista Castiel Vitorino Brasileiro, inaugurada no ano de 2024 no Parque Cultural Casa do Governador, localizado na Residência Oficial do Governo do Estado do Espírito Santo, em Vila Velha. Para o desenvolvimento dessa obra, a artista se dedicou a pesquisas arquitetônicas e medicinais nas comunidades quilombolas da região do Sapê do Norte no estado do Espírito Santo, e também viajou às regiões de Diamantina e Corinto no estado de Minas Gerais, cuja extração mineral ocorre há séculos. Essa é uma obra que se desdobra nos movimentos e no mistério do tempo.

Em nossa concepção, vemos Castiel como uma estudiosa do tempo, do fazer e do refazer, e essa dança envolve a obra. Essa insistência de permanência e resistência diante do tempo é uma questão. Segundo a intelectual Leda Maria Martins,

A ancestralidade é clivada por um tempo curvo, recorrente, anelado; um tempo espiralar, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide. Um tempo ontologicamente experimentado como movimentos contíguos e simultâneos de retroação, prospecção e reversibilidades, dilatação, expansão e contenção, contração e descontração, sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro. É através da ancestralidade que se alastra a força vital, dínamo do universo, uma de suas dádivas (Martins, 2021, p. 63).

Nessa dilatação temporal que há entre a geração que vive o agora, quem por aqui já passou e quem ainda vai chegar, existe um segredo de conservação chamado memória. Em seu livro, a artista discorre que "a história de um povo é a história de suas sobrevivências. Então, como as pessoas modernas, os povos modernos, sobrevivem? Como todos os outros: resguardando suas memórias" (Brasileiro, 2022, p. 24). Portanto, preservar hábitos, cantos, histórias, danças, receitas, nomes e sobrenomes é cultivar um coletivo.

As obras de Castiel Vitorino envolvem muitas camadas, algumas perpassam processos de cura por meio de receitas ancestrais, que utilizam elementos naturais, e não se configuram como um processo individual da artista, afinal, ela está a todo momento enfatizando essa presença coletiva, e no caso de Sutilezas do Tempo, houve a parceria com construtores da Comunidade Quilombola Morro das Araras (ES), portanto, não existe o andar só. Inclusive, uma relação que não termina com a instalação da obra, por se tratar de uma obra permanente, ela irá se manter durante os períodos de manutenção, sustentando a ideia do refazer constante.

O Parque

Inaugurado em maio de 2022, o Parque Cultural Casa do Governador nasceu com a proposta de ser um espaço vivo e acessível, onde arte, natureza, educação e sustentabilidade se entrelaçam de forma harmoniosa. Mais do que um equipamento cultural, a ideia do parque é ser um convite à convivência, à contemplação da natureza e à construção coletiva de experiências significativas, com propostas educativas potentes, mediações artístico culturais guiadas pelas obras e diversas oficinas elaboradas pelos educadores.

O educativo é o coração do Parque, afinal, é o responsável por criar, sustentar e propiciar desdobramentos artísticos diversos a partir das obras instaladas. É importante pontuar que o primeiro time educativo, com a gestão do

Instituto Arte e Cidadania (2024), teve em sua composição a presença de diferentes áreas de conhecimento e de atuação, sendo: Artes Visuais, com Maria Luíza Galacha e Guilherme Brasil; Biologia, com Laira Aquino e Geografia, com Juliana Galvão. Assim, a programação da instituição é pensada a partir desses três eixos estruturantes: arte, sustentabilidade e educação. As áreas se complementam e se retroalimentam, oferecendo ao público atividades diversas, como exposições, oficinas, rodas de conversas, encontros formativos, apresentações artísticas e projetos de longa duração.

Reconhecido como a maior galeria de arte a céu aberto do Espírito Santo, e com uma área total de 93 mil metros quadrados, o Parque Cultural Casa do Governador oferece uma experiência única de fruição estética e sensorial. O público pode percorrer trilhas, jardins e áreas verdes, encontrando pelo caminho obras de arte que se integram ao cenário natural, criando uma narrativa visual em constante transformação.

“A janela, é como uma televisão, para assistir a natureza!”

O título desse capítulo é uma frase que foi dita por uma criança de um grupo de Educação Infantil, durante uma mediação feita pelos autores deste texto, e que ficou marcada. As crianças sempre nos surpreendem com falas que são contribuições muito interessantes quando se deparam com Sutilezas do Tempo, observações que, inclusive, são possíveis de serem replicadas como exemplo com outros grupos durante mediações posteriores, como essa que compõe o título. Aliás, não somente falas, mas diversos olhares, sons e toques surgem quando as crianças estão envolvidas diante a obra. A ativação da imaginação é intensa ao se deparar com essa estrutura criada por Castiel.

Histórias inventadas e também vividas são contadas, com direito a narradores e trilha sonora feita com assobios e palmas. De fato, é preciso ficar atento e entregue para conseguir captar toda a energia que é produzida por esse público, em especial o infantil, quando entra em contato com a obra. Adiante, apresentamos algumas dessas interações, e como também foi conduzido o processo de mediação.

A obra “Sutilezas do tempo” (2024) compõe o acervo permanente do Parque Cultural Casa do Governador e, partindo do conceito de *site-specific*, ela foi pensada para o espaço onde está instalada. É um espaço que possui muitas árvores frutíferas ao entorno, o que sugere também visualizar essa passagem do tempo. A obra guarda um espaço de descanso, que só pode ser visto ao entrar nessa casa. Rodeado por quartzos rosas, o banco localizado ao centro possui uma sinuosidade que propõe o acolhimento de um corpo. Ao se deitar, é como se esse banco abraçasse um corpo que está cansado. À frente, uma janela onde é possível observar as árvores dançando através dela. Ao chão, pedras de argila expandida esbarram umas nas outras quando pisamos, produzindo sons e estalos, além de texturas nos pés ao pisar. Tudo isso foi pensado cuidadosamente pela artista para compor toda a experiência da obra.

Casas são lugares que nos possibilitam contar e descobrir histórias, e uma casa que foi construída na base da coletividade, sincronia e confiança, já teve sua história iniciada bem antes da habitação. Uma obra que convida para o descanso, um convite para deitar, olhar para cima e ver as árvores dançarem com o vento.

Durante a conversa mediada, a palavra escultura aparece como ponto de partida. A intenção é fazer com que, no imaginário de cada um, possam surgir possíveis referências visuais, para assim, endossar as trocas. Começam então, a aparecer questões que fazem parte do que conhecemos como Arte Contemporânea. Em relação a esculturas, geralmente as pessoas se lembram de materiais como bronze, mármore e aço. Percebe-se que há um possível estereótipo do que seria o “artista escultor”, onde a obra é produzida em ateliê e depois de pronta, realocada para espaço expositivo, seja em uma galeria de arte ou um parque cultural a céu aberto.

Sutilezas do tempo vai além do senso comum do que seria uma escultura, pois, ela é uma escultura viva, orgânica, que se move, que cria e experimenta movimentos. A artista quebra alguns paradigmas a partir da técnica, provocando os espectadores a pensar como o tempo interfere na obra, principalmente sendo uma obra que foi projetada para ocupar o espaço cultural de forma permanente.

Imagens 1 e 2. Maria Luíza Galacha e Guilherme Brasil na obra *Sutilezas do Tempo*, de Castiel Vitorino Brasileiro.



Fonte: Fotografia: Wesley Almeida

A técnica que constitui a obra é conhecida por nomes diferentes: pau a pique, casa de estuque, casa de taipa e taipa de mão. Essa técnica atravessa o tempo em gerações e possui raízes culturais que tecem tempos ancestrais, por se tratar de “uma técnica fundamentada na experiência da sincronicidade, na confiança e na lealdade, características importantes para a vida longa de qualquer arquitetura” (Brasileiro, 2024, s/p), conta Castiel na sinopse da obra.

É possível imaginar que as pessoas expressam uma certa surpresa quando se deparam com algo grandioso e monumental como essa obra. E não é diferente com o público de crianças pequenas que parecem até se teletransportar no tempo, talvez relembando suas próprias moradas. Ao serem perguntadas sobre o que estão vendo, lembrando, pensando, mais portas se abrem para o fluxo de conversa se intensificar.

Ao adentrar o espaço da obra, identificamos elementos que talvez passem despercebidos se não forem lentamente observados. Esses elementos, de forma coletiva, criam uma narrativa única sobre ancestralidade, tempo, descanso, reconexão e transmutação. Assim, no momento da visita sempre propomos observar atentamente a cenografia da obra, de forma livre inclusive, deixando o público à vontade para tocar, olhar, sentar e, de fato, “ver com as mãos”. Esse momento, geralmente, costuma ser de agitação, falação, movimentação, excitação, inquietação, animação e curiosidade. Um detalhe interessante, é que o chão da obra é composto por inúmeras bolinhas de argila expandida, o que contribui para a experiência sensível-tátil-sonora.

É também nesse momento que as perguntas e as histórias surgem, de forma disparadas e atravessadas. Todos querem falar ao mesmo tempo, falam entre si, falam sozinhos, falam com os educadores. Os assuntos são variados: sobre os quartzos rosas, sobre o barro nas paredes, sobre as marcas dos dedos que a compõem, sobre o que seria esse “sofá” de observação, etc. A partir desse movimento, começa então o brincar, o inventar, o desafio de tocar nas paredes e procurar nas marcas dos dedos que estão ficados pelo barro, mãos que talvez sejam semelhantes às suas em questão de tamanho, se suas mãos se encaixam com outras, como se, de forma sutil, tivessem se conectando com toda a história que a obra carrega e quer nos contar. O olhar das crianças brilha quando elas

veem os quartzos rosas, de fato elas enxergam pedras preciosas de grande valor, como diamantes.

Depois desse primeiro e intenso contato, tentamos fazer o que para um educador é um momento um pouco difícil e desafiador: o silêncio, para que possamos então, fazer algumas perguntas disparadoras e iniciar uma conversa mais consistente, como por exemplo: quais são as árvores que estão à volta cercando a obra? Quais delas são frutíferas? Que flores e frutas estão para surgir e florescer? O que dá para ver enquanto se está sentado e o que dá para ver deitado nesse grande “sofá”? O vento e a brisa chegam até nós? Dá para ver a praia estando dentro da obra? Dá para escutar o som que as ondas do mar fazem? Dá para escutar e ver pássaros que nos cercam? Que animais e insetos fazem dessa obra sua morada? Que tipo de pássaros vocês conhecem? Podem falar quais são?

Muitas perguntas são feitas na intenção de que elas possam criar e provocar outras. Algumas dessas perguntas, muitas vezes não conseguimos responder porque ultrapassam nossos próprios conhecimentos sobre o tempo, a vida e a morte. As crianças, com a sua imaginação a florada, nos entregam falas, perguntas e respostas profundas, sensíveis e de muita genialidade. É como se a visão delas fosse um adubo potente, que nutre a obra e também nossa experiência como pessoas, além de colaborar com as próximas mediações, como se a palavra de cada criança nos deixasse mais forte e alimentado.

Imagem 3. Crianças interagindo com a obra *Sutilezas do Tempo*, de Castiel Vitorino Brasileiro.



Fonte: Fotografia de Guilherme Brasil.

A nossa percepção, enquanto seres humanos, em relação a passagem do tempo dentro desse processo de vida no planeta terra, é uma das questões que mais surgem. A sensação que nos dá, é que o tempo é capaz de nos dizer tudo, nos mostrar aquilo que não somos capazes de responder de forma imediata, e é nesse tempo escultórico e espiralar que buscamos nossas respostas. Dessa forma, como mostrar essas sutilezas do tempo para uma criança que acelera tudo o que vê? Seja correndo, pulando, falando depressa. O momento de respiro e de silêncio costuma vir de forma insistente por parte dos adultos.

Perceber os deslizos e a deterioração lenta da obra é uma das estratégias que usamos, para usar como chave e abrir uma porta no universo imaginativo das crianças, que chegam curiosas mais de perto das paredes da obra para ver se é verdade mesmo o que estamos falando. Ficam vigiando se quando o vento bater, o barro seco vai se desfazer em pedrinhas pequenas. Algumas chegam até a soprar, adicionando a velocidade costumeira.

A exposição dessa obra a céu aberto permite que as intempéries do tempo, como as chuvas, os ventos, a maresia e tudo à sua volta se cruze na narrativa do trabalho. As crianças observam e percebem a atmosfera respondendo. É um momento do sentir.

Imagem 4. Crianças interagindo com a obra Sutilezas do Tempo, de Castiel Vitorino Brasileiro.



Fonte: Fotografia de Maria Luíza Galacha.

O “sofá”, que elas tanto nos falam, é esse lugar proposto para o descanso, e onde a observação dessas sutilezas acontece. É possível observar que Castiel pensou em todos os detalhes, até mesmo no lugar ideal do bosque de esculturas para construção de sua obra. Ao redor percebe-se que há várias árvores frutíferas, como: pés de manga, pés de acerola, Eugênicas (ou jambo), pés de jabuticaba e pé de banana. Esse é um fato interessante, pois mostra a obra conversando com o ambiente completo, e, para além da percepção da decomposição do pau a pique, percebe-se a relação intrínseca entre a vida e a morte. Ou seja, entre o processo de nascimento dos brotos, das sementes, até chegar no amadurecimento do fruto e depois queda e apodrecimento, existiu ali o tempo e a transmutação. Por isso o “sofá”, é esse lugar onde a percepção é inevitável.

Os quartzos rosas ao entorno do banco também geram confabulações. Quando a luz do sol toca, um brilho surge, e as camadas de tons de rosa se intensificam, tornando o cenário ainda mais belo. Esses minerais pulsam diante o dourado do sol, e lembram um coração, um sentimento. A obra inteira está relacionada com o sentir. Percebemos que Castiel é uma artista que investe no sentir em suas obras, é algo notório. É bonita a forma como estão dispostos também, em uma circularidade que emana uma proteção ao corpo que se deita ao centro.

Imagem 5. Crianças interagindo com a obra e adicionando galhos coletados ao redor.



Fonte: Fotografia: Acervo Educativo Parque Cultural.

Enfatizamos a obra "Sutilezas do Tempo" como proposta de descanso, como espaço de se refazer, se preservar e também enaltecer a tecnologia ancestral de pessoas negras em diáspora. Essa técnica foi utilizada como forma de refúgio e estratégia, tendo seu fundamento preservado na oralidade e repassado entre gerações, tornando a história viva assim como a estrutura dessa casa. Os quilombos são um exemplo disso.

Considerações Finais

Vale pontuar a sensação de pertencimento que aquece o coração em mediar uma obra como essa sendo educadores negros, principalmente dentro de um espaço institucional de importância como tal. É um exercício diário transformar vivências de crianças pretas dentro do ambiente escolar, e na mediação isso transparece.

Quando aparecem falas racistas durante a mediação, isso é imediatamente questionado e discutido pelos educadores, que inclusive, são todos negros. Buscamos demarcar a história afro-brasileira em uma posição de intelectualidade, de produção de conhecimento, de saberes artísticos e de tecnologia, e Sutilezas do Tempo nos proporciona esse momento.

É importante perceber a oralidade enquanto tecnologia, à medida que contamos às crianças a respeito desse assunto, mergulhamos em nossas próprias memórias afetivas. Esse processo de repassar conselhos, aprendizagens e costumes que os mais velhos fazem com os mais novos é educativo e ancestral.

A terra é um fundamento que vive e resiste constantemente, e ter a sensibilidade de compreender e ouvir os ensinamentos é necessário. A obra percorre diferentes faixas etárias, discute com energias diversas, enlaça lembranças, integra os frutos, as flores, os insetos e os animais que estão ao redor, e cria um vórtex temporal que deixa uma marca na memória de cada pessoa que por ela passa. É um enraizamento do mundo físico e do mundo dos encantados.

Referências

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude**. n-1 edições, 2022.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021.